

EDUCAÇÃO

V.13 • N.1 • Publicação Contínua - 2025

ISSN Digital: 2316-3828

ISSN Impresso: 2316-333X

DOI: 10.17564/2316-3828.2025v13n1p6-16



ORIENTAÇÃO A PAIS DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

ORIENTATION TO PARENTS OF CHILDREN WITH AUTISM
SPECTRUM DISORDER

ORIENTACIÓN A PADRES DE NIÑOS CON TRANSTORNO DEL
ESPECTRO AUTISTA

Luciane Benvegna Piccoloto¹

RESUMO

O transtorno do espectro autista é uma condição que afeta o neurodesenvolvimento marcada por prejuízos nas habilidades sociocomunicativas e comportamentais. Estas especificidades tendem a ocasionar reações atípicas frente a situações do cotidiano, as quais precisam ser adequadamente manejadas por seus pais ou cuidadores, o que, por sua vez, pode gerar altos níveis de estresse parental. Isso porque os pais/cuidadores, em sua maioria, não recebem orientações específicas sobre como lidar com estas questões. A partir disso, foi realizado um estudo teórico, sobre publicações que envolvem a atuação direta de pais/cuidadores de crianças com TEA em intervenções com seus filhos. O objetivo deste estudo é descrever os resultados encontrados, discutindo a eficácia na mudança comportamental destas crianças ao incluir os pais em práticas de intervenção, assim como verificar a existência de dados sobre o impacto delas no ambiente escolar. Percebe-se, por fim, que estas intervenções acarretam ganhos sociais para as crianças com TEA, especialmente quando há orientação dirigida aos pais/cuidadores.

PALAVRAS-CHAVE

Transtorno Autístico. Pais. Terapia Cognitiva.

ABSTRACT

The autism spectrum disorder is a condition that affect the neurodevelopment marked by impaired in abilities socio communication and behavior. These specifics made a lot of times unpredictable and atypical behaviors in daily situations, that can bring high levels of parental stress. And like the parents/caregivers, in biggest part, doesn't receive specific orientations about how to deal with those questions. Thinking about this, was made a theoretical study, about publications that talk of the direct interaction of parents/caregivers of children with TEA in interventions with their kids. The goal of this study is to describe the found results, discussing the efficacy in the changed of the behavior of this children when include the parents in intervention practices, just like verify the existence of dados about the impact of the same in the scholar environment. The results shows that those interventions came social wins to the children with TEA, specially when has orientation direct to the parents/caregivers.

KEYWORDS

Autistic disorder; parents; Cognitive Therapy.

RESUMÉN

El trastorno del espectro autista es una condición que afecta al neurodesarrollo marcado por perjuicios en las habilidades socio-comunicativas y comportamentales. Estas especificidades tienden a ocasionar reacciones atípicas frente a situaciones cotidianas, las cuales necesitan ser adecuadamente manejadas por sus padres o cuidadores, lo que a su vez puede generar altos niveles de estrés parental. Se debe a que los padres o cuidadores, en su mayoría, no reciben orientaciones específicas sobre cómo manejar estas cuestiones. A partir de ello, se realizó un estudio teórico, sobre publicaciones que involucran la actuación directa de padres / cuidadores de niños con TEA en intervenciones con sus hijos. El objetivo de este estudio es describir los resultados encontrados, discutiendo la eficacia en el cambio comportamental de estos niños al incluir a los padres en prácticas de intervención, así como verificar la existencia de datos sobre el impacto de las mismas en el ambiente escolar. Se percibe, por fin, que estas intervenciones generan ganancias sociales para los niños con TEA, especialmente cuando hay orientación dirigida a los padres o cuidadores.

PALABRAS-CLAVES

Trastorno Autístico; padres; terapia cognitiva.

De acordo com o DSM-5 os sujeitos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) têm como características fundamentais déficits nas habilidades sociocomunicativa e comportamental, assim como padrões repetitivos de comportamento. Tais características tendem a acarretar uma série de prejuízos cotidianos em suas vidas (American [...], 2014).

No autismo, parece existir um funcionamento peculiar no processamento social, fazendo o sujeito apresentar um curso atípico do desenvolvimento natural, em especial quanto ao reconhecimento de emoções e intenções (Barros; Falcone, 2008). O foco é para objetos, atividades e movimentos repetitivos mesmo sem função aparente. Além disso, sua atenção é orientada pela busca de detalhes (pela via visual, pelo pensamento musical ou matemático, pelo raciocínio lógico-verbal), sem estar voltado para aspectos do ambiente, o que dificulta compartilhar interesses e comportamentos com outras pessoas (Barros; Falcone, 2008). A partir de tais questões os pais de crianças Transtorno do Espectro Autista tem aumentadas as dificuldades em conectar-se e compreender o filho, assim como ele apresenta habilidades sociais prejudicadas, o que dificulta sua inserção e conexão com os demais no ambiente escolar.

Cuidadores de crianças com TEA têm reportado taxas mais elevadas de estresse se comparado com pais de crianças com outros transtornos do neurodesenvolvimento ou crianças típicas, sem problemas de comportamento, além de apresentarem maior índice de discórdia conjugal (Freuler *et al.*, 2013). Desta forma, o presente artigo visa descrever os resultados encontrados e discutir a eficácia na mudança comportamental destas crianças ao incluir os pais em práticas de intervenção, assim como verificar a existência de dados sobre o impacto das mesmas no ambiente escolar, através uma revisão da literatura.

Apesar do direito de frequentar a escola comum, as alterações características do TEA (comportamento, socialização e comunicação) podem prejudicar o desempenho acadêmico do aluno. Os professores relatam não se sentirem capacitados para lidar com os problemas que a criança apresenta. As principais queixas envolvem pouco conhecimento das características do transtorno, lacunas em sua formação pedagógica, escasso suporte de outros profissionais e da escola, outros alunos na turma que necessitam atenção do professor, além das famílias que demandam exigências do professor em relação as práticas pedagógicas utilizadas (Pimentel; Fernandes, 2014).

Os educadores frequentemente referem que o aluno com autismo não consegue ficar sentado na sua classe, começa a realizar movimentos repetitivos, envolve-se em rituais e perde o foco do que está sendo ensinado. Além disso, a auto e heteroagressividade também podem se apresentar no ambiente escolar, tornando-se mais um empecilho à aprendizagem e um dos fatores nos quais os professores se percebem menos preparados para lidar (Schmidt *et al.*, 2016).

Dessa forma e considerando a alta demanda de trabalho docente, ressalta-se como uma opção relevante inclui os pais em práticas que auxiliem seus filhos a enfrentarem as diversas dificuldades cotidianas. Ademais, conhecendo as demandas e especificidades de seu filho, o pai/cuidador, pode oportunizar à escola uma fonte maior de informações sobre como lidar de maneira adequada com a criança. Reduzir a carga de estresse parental pode impactar positivamente na relação dos pais com a escola, pois os mesmos tendem a sair da posição de exigência quanto ao professor e tornar-se um aliado na utilização das práticas sugeridas pelo educador.

A fim de reduzir os índices de estresse parental e visando a sua prevenção é possível realizar intervenções que envolvam os pais a qual busca ensinar aos pais técnicas que previnam e respondam

de forma mais eficiente aos comportamentos disfuncionais dos filhos portadores de espectro autista. A partir de tais questões realizou-se uma discussão sobre intervenções que utilizam pais/cuidadores de crianças com TEA, visando a descrever seus resultados e discutir a eficácia na mudança comportamental destas crianças ao incluir os pais em práticas de intervenção, assim como verificar a existência de dados sobre o impacto delas no ambiente escolar.

Assim, realizou-se uma revisão narrativa, que Rother (2007) define como uma pesquisa teórica mais ampla, com o objetivo de descrever ou discutir determinado tema, realizando uma análise dos materiais publicados. Elencou-se quatro artigos, publicados entre 2013 e 2018, que abordassem intervenções realizadas com pais de crianças com TEA. Assim, foram analisados os artigos de Farmer e Reupert (2013), Vernon (2013), Smith, Greenberg e Mailick (2014) e Blair e Bailey (2015).

As pesquisas mostraram resultados significativos em intervenções que utilizam abordagens centradas nas famílias para pessoas com TEA (Fernandes, 2009). Tal questão justifica-se, pois, os pais deixaram de delegar a responsabilidade sobre o desenvolvimento dos seus filhos exclusivamente ao encargo dos profissionais e assumiram um comportamento proativo no contexto familiar. Outrossim, começam a conhecer melhor e significativamente sobre métodos de intervenções/ensino e características do transtorno, o que é fundamental para um trabalho expressivo com pessoas com TEA.

As intervenções parentais em grupo com o objetivo de auxiliar no manejo de problemas de comportamentos característicos de crianças com autismo e melhorar suas habilidades sociais podem ser alternativas de baixo custo adaptadas ao contexto brasileiro. Da perspectiva de saúde pública recomendam-se formatos grupais para o treinamento dos pais no intuito de atender mais pessoas, reduzir custos, fomentar a formação de grupos comunitários de suporte social possibilitar acesso a informações, dentre outros aspectos (Roux; Sofronoff; Sanders, 2013).

Intervenções com famílias e pais são modalidades de atendimento em que os cuidadores recebem orientação sobre diversos temas visando a modificar o relacionamento com seus filhos, a diminuição de problemas de comportamento, além de incentivar comportamentos pró-sociais das crianças (Kazdin, 2005; Labbadia; Castro, 2008). Proporcionar aos pais informações e capacitá-los no manejo de problemas comportamentais se configura uma opção com resultados promissores sobre a qualidade vida das crianças e dos seus pais (Vismara; Rogers, 2010; Bearss *et al.*, 2015).

O envolvimento dos pais nas intervenções é de extrema relevância, visto que, se eles desenvolverem melhores estratégias para a interação com a criança, eles podem favorecer a manutenção de habilidades e comportamentos mais adaptativos da criança. O auxílio dos pais é de grande valia no desenvolvimento da comunicação, fazendo com que se torne possível e funcional, também contribuindo ao iniciar a criança em jogos de interação, dentre outras atividades realizadas no ambiente natural que estimulem o desenvolvimento (Fávero; Santos, 2005; Fernandes, 2009; Freuler *et al.*, 2013; Rogers *et al.*, 2014), o que acarreta benefícios na interação escolar.

Bearss e colaboradores (2015) destacam dois programas principais de formação para pais a implementação e o suporte parental. A implementação parental tem como foco o ensino das técnicas, os pais são envolvidos diretamente na mudança do comportamento de seu filho. Esse modelo foi utilizado por Vernon *et al.* (2012) para avaliar as diferenças de resposta social das crianças quando os pais iniciaram oportunidades de aprendizagem de linguagem.

O treinamento ocorreu com a frequência de 3 a 4 vezes por semana, durante uma hora, e contou com a participação de três pais de crianças com autismo na faixa etária de 2 a 4 anos. Eles receberam orientações individuais com base no treino de respostas pivotais², a partir disso, os pais criam oportunidades de comunicação, sinalizando para criança a necessidade de fazer uma tentativa de comunicação, e se a criança responder adequadamente ela recebe o objeto desejado. Neste estudo, as crianças apresentaram melhora nos indicadores de funcionamento social, incluindo contato visual, iniciação verbal, afeto positivo da criança, afeto positivo do pai e engajamento sincronizado, que se refere ao intervalo de tempo em que o pai e a criança estavam direcionados um ao outro e simultaneamente na mesma atividade.

O programa de suporte parental tem como objetivo o conhecimento, os benefícios aos pais e a criança são indiretos, como a melhora da interação e a diminuição do estresse. Nesse modelo estão compreendidas as intervenções relacionadas com psicoeducação (Bearss *et al.*, 2015). Nos programas de psicoeducação os pais são orientados sobre as características do autismo, instruídos no uso de estratégias de resolução dos problemas de comportamento, A redução de estresse e o apoio social entre os pais, também é foco de intervenção, fazendo com que eles possam compartilhar experiências pessoais (Farmer; Reupert, 2013; Smith; Greenberg; Mailick, 2014; Bears *et al.*, 2015)

Os programas de psicoeducação descritos na literatura podem abordar vários temas do interesse dos participantes, geralmente são oferecidos em períodos de curta duração (entre 6 e 12 encontros) e podem ser conduzidos em grupo ou individualmente (Farmer; Reupert, 2013; Smith; Greenberg; Mailick, 2014). Estudos mostram eficácia desses programas de psicoeducação em famílias de indivíduos com condições psiquiátricas como esquizofrenia e transtorno bipolar, porém estudos de psicoeducação em famílias de pessoas com autismo ainda são raros na literatura (Farmer; Reupert, 2013).

Smith, Greenberg e Mailick (2014) propuseram um estudo sobre programa de psicoeducação para pais de 10 adolescentes com autismo. Esse programa teve objetivo de reduzir o estresse parental e problemas de comportamentos dos filhos, além de melhorar a qualidade de vida dos adolescentes autistas e seus pais. Ele consistiu em 10 sessões, sendo 8 em grupo e duas individuais. Nas sessões em grupo foram trabalhados os temas sobre autismo na idade adulta, serviços de saúde e educação, estratégias para manejo de comportamentos problema, questões legais (testamentos, tutela dentre outros) e bem-estar dos pais. Ao final do estudo foram verificadas mudanças positivas na redução do estresse e melhora na qualidade de vida dos pais e filhos.

Um programa desenvolvido por Farmer e Reupert (2013) denominado *Understanding Autism* (UA), em que a intervenção foi destinada especificamente para famílias da área rural da Austrália que apresentavam dificuldades no acesso aos serviços de apoio. Teve como foco orientar os pais através de seis encontros em grupos, com frequência semanal e duração de duas horas. Cada grupo foi composto por 16 participantes cujas crianças tinham idade entre 2 e 6 anos, totalizando 86 pais ao longo de seis anos.

Os objetivos do programa foram: a) Ajudar os pais a olhar e entender seu filho através da compreensão da natureza do autismo e das particularidades de comunicação, interação social, brincar e pensar; b) Adquirir confiança para manejar e antecipar problemas de comportamentos, desenvolvendo assim, um “kit

2 Ensino pivotal é um procedimento baseado na Análise do Comportamento, que acontece no contexto natural da criança.

de ferramentas”, ou seja, uma série de estratégias. c) Diminuir os sentimentos de isolamento, promovendo a troca entre as famílias. d) Diminuir os sentimentos de ansiedades dos pais, promovendo apoio e suporte.

A intervenção forneceu informações sobre o autismo e suas características de comunicação, sensoriais, sociais, cognitivas e comportamentais. Também eram abordadas estratégias práticas para serem utilizadas com seus filhos, tais como dinâmicas de grupo utilizadas para encorajar os pais falar de suas experiências e histórias de vida, bem como ouvir as dos demais participantes do grupo.

Para verificar se os pais realmente apreenderam as informações fornecidas pelo programa, foram realizadas duas avaliações nos períodos pré e pós-intervenção. A primeira envolveu um questionário de 15 itens com base nos objetivos do programa. A segunda avaliação, também realizada nos momentos pré e pós-intervenção, constou em questões abertas e fechadas envolvendo as expectativas parentais sobre a intervenção.

Os dados da escala *likert* demonstraram mudanças significativas entre as fases pré e pós (representando uma taxa de confiança de 95%). Os principais ganhos incluíram o aumento do conhecimento sobre o autismo e de autoconfiança para manejar os comportamentos, redução na ansiedade dos pais (que decresceu na escala de 5 para 0), redução do sentimento de isolamento, em que as questões abertas relataram que os pais descobriram uma forma mais positiva de enxergar seus filhos.

Qualitativamente, no início do programa os pais expressavam sentimentos de medo, frustração e desesperança, referiam não ter informações suficientes sobre o problema de seu filho e sentiam-se sozinhos. Ao final da intervenção os pais relataram que ao compreender a natureza do autismo obtiveram uma maior aceitação do diagnóstico, bem como a diminuição do sentimento de isolamento e apreciaram a oportunidade de ouvir as experiências das outras famílias e compartilhar as suas.

A respeito da estrutura dos encontros, estes têm como base a colaboração entre o coordenador e os participantes da intervenção. Tal questão incentiva o espírito colaborativo da abordagem, que ocorre com o objetivo de instrumentalizar e, principalmente, tornar os pais ativos no desenvolvimento de estratégias para lidar com seus filhos autistas.

Para que a colaboração aconteça, em todas as etapas trabalhar-se a psicoeducação, na qual os participantes sabem como e porque aquela estratégia pode ser adequada a determinada situação, conforme explicitado previamente. Outro aspecto que promove a colaboração entre os participantes, é a relação que se estabelece. O coordenador não pode ter uma postura “profissional-pai”, mas sim de colaboração mútua, proporcionando as trocas e a interação das famílias. Nessa ótica, o espírito colaborativo proporciona uma boa aliança entre os membros do grupo e favorece os resultados (Neufeld, 2015).

Ainda a respeito do coordenador do grupo, no estudo de Farmer e Reupert (2014), foi ressaltado pelos pais que habilidades como a sensibilidade, a capacidade de acolhimento, o cuidado em esclarecer termos técnicos, a promoção da colaboração de todos e o uso de exemplos facilitou a compreensão das informações passadas nos encontros. Os pais ainda relataram, que se sentiam confiantes em administrar os problemas de comportamento de seu filho. Ao final, os pais sugeriram que o grupo poderia ser estendido aos demais membros da família e que em um determinado período as sessões deveriam ser retomadas para verificar os progressos. O estudo conclui que intervenções breves podem promover mudanças e diminuir os níveis de ansiedade dos pais, desde que forneçam informações que possibilitem os pais sentirem-se capazes de lidar com seu filho autista no dia a dia.

Um outro estudo realizado por Bailey e Blair (2015), buscou identificar o benefício da participação da família que tinham entre seus membros crianças com autismo. O estudo foi desenvolvido junto a três famílias e avaliou a adesão destas à intervenção a partir de mudanças nos indicadores comportamentais dos filhos. Os autores também verificaram índices elevados de adesão ao programa de intervenção e diminuição dos problemas de comportamento dos filhos.

Enfim, as pesquisas, de um modo geral, enfatizam a participação dos pais nas intervenções de forma ativa, pois essa postura tem demonstrado melhores resultados. Quando os pais têm a possibilidade de desenvolver meios para lidar com os problemas dos seus filhos sentem-se mais autoconfiantes. O desenvolvimento de estratégias deve ocorrer de forma colaborativa entre famílias e profissionais.

CONCLUSÕES

É possível compreender, retomando os achados relatados nos estudos sobre intervenções com pais no autismo que esse transtorno se configura como uma condição que afeta não apenas o indivíduo, mas também sua rede de relações, a qual muitas vezes já se encontra restrita devido às próprias dificuldades sociocomunicativas do sujeito. Por isso, conclui-se que família, rede primária desse sujeito, precisa lidar não apenas com o desafio do diagnóstico, como causador primário do estresse parental, mas também com situações cotidianas para as quais não se encontra preparada. Segundo Schmidt e Bosa (2010) e Freuler *et al.* (2013), as questões previamente citadas aumentam a possibilidade da presença de um estresse parental o que torna a dinâmica familiar disfuncional.

Práticas voltadas a orientação parental utilizando técnicas cognitivas demonstram-se de grande valia nesse contexto. Tal questão é corroborada por Vismara e Rogers (2010) e Bearss *et al.* (2015) ao afirmarem que a capacitação dos pais para manejar problemas comportamentais dos filhos é uma forma de viabilizar acesso a informações quanto ao transtorno, favorecendo, indiretamente, uma melhor qualidade de vida. Apesar da ampla gama de técnicas cognitivas existentes para tratamentos na teoria cognitivo-comportamental, poucas são relatadas nos estudos sobre a orientação de pais com filhos com autismo. Neste sentido, identifica-se uma lacuna sobre este tema que poderia ser enriquecida com o incremento de outras técnicas que têm mostrado eficácia nas intervenções com pais e famílias com crianças que apresentam outras condições.

As técnicas da terapia cognitivo-comportamental fazem parte de modelos já estruturados de intervenção para outras condições da infância, como por exemplo o Transtorno de Déficit de atenção e Hiperatividade. A resolução de problemas, que envolve desenvolvimento de estratégias de enfrentamento de dificuldades aumentando as habilidades para pais e filhos lidarem com situações difíceis no cotidiano. As técnicas de manejo de contingências, na forma de um sistema de pontuação por objetivo alcançado, onde o objetivo principal é estimular os pais a priorizarem o reforço em relação a punição e assimilarem que as consequências de um comportamento (elogio/punição) devem ser imediatas, específicas e consistentes (Barkley, 1995).

A psicoeducação e o ambiente propiciado em grupos de orientação parental configuram-se como espaços de fala e reflexão, nos quais possibilita-se aos pais a percepção de que práticas aversivas não são eficazes no cotidiano de uma criança com autismo, além de um aumento no comprometimento e colaboração dos pais. Dessa forma, é possível transformar estilos punitivos em positivos ou reforçadores, sendo os últimos mais eficazes e incentivadores de comportamentos pró-sociais por parte dos filhos (Eyberg; O'Briene; Chase, 2006) Ademais, conforme já discutido previamente, além da maior eficácia na mudança comportamental quando as intervenções são voltadas aos pais, possibilita-se a redução do estresse parental, protegendo os laços familiares, o que tende a impactar também sobre o ambiente escolar.

Conclui-se, sobretudo, que os pais/cuidadores necessitam de maior atenção por parte dos profissionais, principalmente ao pensar-se que o mesmo apresenta as maiores taxas de estresse parental dentre os transtornos de neurodesenvolvimento. Dessa forma, é visível a relevância de intervenções que envolvam ativamente os pais de crianças com diagnóstico de transtorno do espectro autista, em especial com terapias cognitivas, devido aos ganhos relatados. Técnicas como a psicoeducação e característica colaborativa dos grupos marcados pelo cognitivismo resultam em maior confiança, diminuição do estresse, além de maior conhecimento dos pais quanto a práticas mais eficazes quanto aos comportamentos disfuncionais dos filhos devido ao autismo. Estes fatores têm como consequência uma melhora comportamental e sociocomunicativa da criança portadora do espectro autista.

Ademais, os pais tendem a perceberem-se mais próximos dos filhos por melhor os compreenderem. O aspecto grupal das intervenções possibilita a ampliação da rede de apoio dos pais, característica importante para a diminuição do estresse parental.

Enfim, as práticas cognitivas em intervenção com pais de crianças com autismo demonstram resultados positivos, em especial por oportunizar aos pais uma autonomia e maior envolvimento, resultando em resultados relevantes nos aspectos comportamentais e sociocomunicativos dos filhos, o que tende a impactar no dia a dia escolar. A revisão de literatura permite identificar a necessidade de implantação de mais programas com essas características, em especial no Brasil, visto ser uma possibilidade de atender maior número de usuários do sistema de saúde.

Ademais, sugestionam-se a continuidade de estudos sobre estes fatores, principalmente em âmbito brasileiro, a fim de aumentar a produção científica, devido ao baixo número de documentos nacionais encontrados identificando, por exemplo, que características dos pais ou filhos estariam mais associadas ao estresse ou mesmo que estratégias seriam mais eficazes para cada perfil familiar. Assim como maior número de estudos que busquem identificar se os benefícios encontrados no trabalho com as famílias podem ser percebidos pelos docentes no âmbito escolar.

REFERÊNCIAS

APA – American Psychiatric Association. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**: DSM-V. Artmed. 5. ed. Porto Alegre, 2014.

BARROS, P.; FALCONE, E. **Avaliação da empatia em crianças e adolescentes com síndrome de Asperger**. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2008.

BAILEY, K. M.; BLAIR, K. S. Feasibility and potential efficacy of the family-centered Prevent-Teach-Reinforce model with families of children with developmental disorders. **Res Dev Disabil**, United States, v. 47, p. 218-33, 2015.

BEARSS, K. *et al.* Parent training in autism spectrum disorder: what's in a name? **Clinical Child and Family Psychology Review**, Nova York, v. 18, n. 2, p. 170-182, 2015.

BOSA, C. Autismo: atuais interpretações para antigas observações. *In*: BAPTISTA, C. R; BOSA, C. (org.). **Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 21-39.

EYBERG, S.; O'BRIEN, K.; CHASE, R. *In*: FISHER J.; O'DONOHUE. Oppositional defiant disorder and parent training. and parent training. **Practitioner's Guide to Evidence-based Psychotherapy**. 2006.

FARMER, J.; REUPERT, A. Understanding Autism and understanding my child with Autism: An evaluation of a group parent education program in rural Australia. **Australian Journal of Rural Health**, v. 21, p. 20-27, 2013.

FÁVERO, M. Â.; SANTOS, M. A. Autismo infantil e estresse familiar: uma revisão sistemática da literatura. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, p. 358-369, 2005.

FERNANDES, F. D. Famílias com crianças autistas na literatura internacional. **Revista Soc. Brasileira Fonoaudiologia**, v. 14, n. 3, p. 427-32, 2009.

FREULER, A. C.; BARANEK, T. G.; TASHJIAN, C.; WATSON, L. R.; CRAIS, E. R.; TURNER-BROWN, L. Parent reflections of experiences of participating in randomized controlled trial of a behavioral intervention for infants at risk of autism spectrum disorders. **Autism.**, v. 8, p. 1-10, 2013.

GISTEIN, S. E. **Autism aspergers**: solving the relationship puzzle: A new developmental program that opens the door to lifelong social and emotional growth. Texas: Future Horizons, 2000.

KAZDIN, A. E. **Parent management training**: treatment for oppositional, aggressive, and antisocial behavior in children and adolescents. New York: Oxford University Press, 2005.

LABBADIA, E. M., & CASTRO, L. L. Intervenções para pais de crianças e adolescentes em terapia cognitivo-comportamental. *In*: A. V. Cordioli (org.). **Psicoterapias: abordagens atuais**. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 745-759.

MARTIN, G.; PEAR, J. **Modificação do comportamento: o que é e como fazer.** São Paulo: Roca, 2009.

NEUFELD, C. B. (org.). **Terapia Cognitivo-Comportamental em grupo para crianças e adolescentes.** Porto Alegre: Artmed, 2015.

PIMENTEL, A. G. L.; FERNANDES, F. D. M. A perspectiva de professores quanto ao trabalho com crianças com autismo. **Audiol. Commun. Res.**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 171-178, jun. 2014.

ROGERS, S. J.; VISMARA, L.; WAGNER, A. L.; MCCORMICK, C.; YOUNG, G.; OZONOFF, S. Autism treatment in the first year of life: a pilot study of infant start a parent-implemented intervention for symptomatic infants. **Journal of autism and developmental disorders**, v. 12, n. 44, p. 2981-95, 2014.

ROUX, G.; SOFRONOFF, K.; SANDERS, M. A randomized controlled trial of group stepping stones triple P: a mixed disability trial. **Family Process**, v. 3, n. 52, p. 411-424, 2013.

SCHMIDT, C. **Estresse, auto-eficácia e o contexto de adaptação familiar de mães de portadores de autismo.** 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2004.

SCHMIDT, C.; BOSA, C. Grupo de familiares de pessoas com autismo: relatos de experiências parentais. **Aletheia**, v. 32, p. 183-194, 2010.

SMITH, L. E.; GREENBERG, J. S.; MAILICK, M. R. The family context of autism spectrum disorders: influence on the behavioral phenotype and quality of life. **Child Adolesc Psychiatr Clin N Am**, United States, v. 23, n.1, 143-55, 2014.

VERNON, T.Y. W. *et al.* An early social engagement intervention for young children with autism and their parents. **J Autism Dev Disord.**, v. 12, n. 42, p. 2702-2717, 2013.

VISMARA, L. A.; ROGERS, S. J. Behavioral Treatments in Autism Spectrum Disorder: What do we Know? **Annu Rev Clin Psychol.**, p. 447-468, 2010.

Recebido em: 28 de Fevereiro de 2019

Avaliado em: 18 de Outubro de 2024

Aceito em: 13 de Fevereiro de 2025



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

Copyright (c) 2025 Revista Interfaces Científicas - Educação



Este artigo é licenciado na modalidade acesso abertosob a Atribuição-Compartilhaigual CC BY-SA

1 Departamento de Educação Especial; Doutoranda em educação. E-mail: luciane@cognitivo.com
Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-5031-1005>.

